



Grupo de Estudos e Práticas Étnico-Raciais (GEPER - UFSC) como ferramenta na construção do conhecimento agroecológico: possibilidades e desafios
Group of Ethnic-Racial Studies and Practices (GEPER – UFSC) as a tool in the construction of agroecological knowledge: possibilities and challenges

GUARI, Lucas Ribeiro ¹; SANTOS, Izabela Marques dos ²; FERNANDES, Felipe Silva ³; CABRAL, Lanna Christi dos Santos Costa ⁴; SANTOS-JUNIOR, Jorge Guimarães dos ⁵; GAIA, Marília Carla de Mello ⁶

¹ Graduando em Agronomia na Universidade Federal de Santa Catarina, lucasribeiroguari@gmail.com; ² Graduanda em Agronomia na Universidade Federal de Santa Catarina, izmarquess7@gmail.com; ³ Graduando em Ciência e Tecnologia de Alimentos na Universidade Federal de Santa Catarina, felipessilvaffernandes@gmail.com; ⁴ Graduanda em Agronomia na Universidade Federal de Santa Catarina, lanna.christi@hotmail.com; ⁵ Mestrando em Agroecossistemas na Universidade Federal de Santa Catarina, ojorge.vet@gmail.com; ⁶ Professora do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, marilia.gaia@ufsc.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O presente artigo relata o processo de construção do Grupo de Estudos e Práticas Étnico-Raciais (GEPER), suas contribuições e desafios dentro do processo de construção do conhecimento agroecológico, a partir das experiências promovidas no Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por meio de algumas atividades e discussões desenvolvidas entre 2022 e 2023 é possível perceber que a formação de estudantes e profissionais sensíveis às questões de equidade e justiça social e questão étnico-racial fortalece a construção do conhecimento agroecológico, assumindo o enfrentamento ao racismo ambiental, trazendo elementos da ancestralidade negra e indígena e demais contribuições destes sujeitos à agricultura brasileira e à formação das(os) profissionais das Ciências Agrárias.

Palavras-chave: educação das relações étnico-raciais; agroecologia; diversidade; formação universitária.

Contexto

Junto a diversos grupos da sociedade, a comunidade acadêmica apresenta grande contribuição na construção do conhecimento agroecológico. A participação pode ser identificada na atuação por meio do tripé ensino, pesquisa e extensão, das instituições de ensino superior e exemplificada através das atividades que capacitam e difundem a Agroecologia nas comunidades acadêmicas, além de impulsionar o contínuo processo de construção da mesma. Entretanto, assim como considera Nego Bispo, liderança quilombola, em sua entrevista a Maia (2020) é possível considerar que a Agroecologia ainda seja uma experiência com forte relação ao colonialismo. As análises de Motta (2022), reforçam esta afirmação, uma vez que se identifica a escassa presença e valorização de indígenas e negras(os) entre os profissionais que contribuem na construção do pensamento agroecológico.



Tal conjuntura se entrelaça e desdobra na escassez de determinadas discussões nos eixos da Agroecologia, mais especificamente no espaço da Universidade.

Desta forma, concordando com a avaliação de Motta (2020) em que a Agroecologia nasceu e cresceu das práticas e conhecimentos ancestrais das pessoas não-brancas, mas não abarca a população indígena e negra em seus espaços de maior destaque, articulações entre esses indivíduos marginalizados podem contribuir para uma transformação desse cenário escasso de representatividade.

Assim, o presente artigo relata o processo de construção do Grupo de Estudos e Práticas Étnico-Raciais (GEPER/CCA), suas contribuições e desafios dentro do processo de construção do conhecimento agroecológico, a partir das experiências promovidas no Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Partimos da ideia de construção do conhecimento agroecológico proposta por Cotrim e Dal Soglio (2016), na qual esse processo é relacional e participativo em busca de uma perspectiva mais sistêmica. É importante pontuar que o GEPER tem proposto diálogos e trocas sobre eixos abordados pela Agroecologia, em articulação entre seus integrantes, graduandas(os) e pós-graduandos(as), em conjunto com professoras(es) e outros grupos/núcleos da UFSC, bem como com diversos outros setores do movimento estudantil, cultural e científico do Brasil.

Descrição da Experiência

Em 2019, em meio a greve estudantil deflagrada pelos cortes orçamentários, estudantes dos cursos de graduação do CCA se mobilizaram para formar um coletivo de estudantes negros(as), em reflexo às articulações do Movimento Negro Estudantil da UFSC. No entanto, a pandemia em 2020 interrompeu o processo.

Em 2022, com a retomada das atividades presenciais, parte do grupo inicial se viu incomodado com a falta de representatividade e de discussões étnico-raciais no CCA. Neste mesmo ano, ocorreu uma onda de crimes de ódio e ataques neonazistas na UFSC. O vínculo de alguns estudantes com células neonazistas no estado de Santa Catarina foi descoberto e frases com injúrias étnico-raciais direcionadas a estudantes foram estampadas nas paredes da Universidade. Em resposta, o Movimento Negro Estudantil realizou uma assembleia para efetivar medidas em oposição à situação preocupante que se encontrava, e na ocasião estava presente parte dos(as) integrantes deste coletivo que deu base para o surgimento do GEPER.

Em outubro de 2022, parte do grupo inicial e novos discentes fundaram o GEPER, tendo como objetivo ser um espaço de encontro e acolhimento entre estudantes e pesquisadoras(es) negras(os) e indígenas, bem como promotor de troca de conhecimentos. O grupo nasce buscando fomentar a intersecção das temáticas étnico-raciais às pautas já aportadas pelos 4 cursos de graduação existentes no



CCA (Agronomia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Engenharia de Aquicultura e Zootecnia) e 4 programas de pós graduação (Agroecossistemas, Aquicultura, Ciência dos Alimentos e Recursos Genéticos Vegetais). A metodologia de construção do GEPER é participativa, relacional e dinâmica, adotando uma organização horizontal, com reuniões regulares. Os encontros priorizam o diálogo e valorização da oralidade, criando um ambiente seguro e confortável para o debate, respeitando as singularidades de cada indivíduo racializado. Destaca-se que essa organização, que permite a participação e a troca de saberes, se apresenta como essencial para a construção do conhecimento agroecológico, a partir das considerações de Cotrim e Dal Soglio (2016). O grupo é formado exclusivamente por pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas, com o objetivo de criar um espaço acolhedor e combater o racismo e embranquecimento das discussões e ações. Essa problemática, apresentada no processo de construção do conhecimento agroecológico também foi observada por Motta (2021) no campo da Agroecologia de forma estrutural, em que pessoas racializadas inseridas em grupos com forte presença de pessoas brancas enfrentam entraves, sendo descritas por Bento (2022) como o pacto da branquitude, ou seja, um conjunto de comportamentos que beneficiam os indivíduos brancos, perpetuando as desigualdades raciais.

Além das relações internas, o GEPER estabeleceu relação com professoras(es) e pesquisadoras(es), das Ciências Agrárias e de outras áreas. Não menos importante, constituiu interações com outros coletivos negros presentes na cidade de Florianópolis, entre eles: Núcleo de Estudos Negros (NEN), organização a serviço do Movimento Negro de Santa Catarina desde 1986; o Ponto de Cultura Africanamente, fundado em 2003 e que tem por missão divulgar a filosofia da Capoeira Angola nos aspectos teóricos e práticos; o Coletivo Nega que surgiu em 2010 como parte de um projeto de extensão de mesmo nome, do curso de Teatro do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC - CEART); e o Núcleo de Estudo em Gênero, Raça e Agroecologias (NEGRAS), fundado em 2002 e institucionalizado dentro do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

Seguindo a conceituação da educação das relações étnico-raciais (ERER) proposto por Silva (2007), em que define como campo do ensino que busca compreender as relações entre as diferentes etnias e raças presentes em determinado contexto, o GEPER promove o debate, a conscientização e a valorização de diferentes culturas e identidades étnicas presentes no processo de construção do conhecimento agroecológico dentro da Universidade. Em conjunto às atividades internas são realizadas ações abertas em espaços comuns do CCA, ampliando o alcance e o impacto das iniciativas, proporcionando um ambiente propício para a troca de experiências, o aprendizado mútuo e a construção de uma comunidade com sujeitos empenhados em promover condições de combate ao racismo e às discriminações, possuindo consciência política e histórica da diversidade, de identidade e direitos.

A primeira atividade aberta do grupo ocorreu em novembro de 2022, na ocasião foi realizado o evento “O cultivo dos afetos e o cultivo que afeta a população negra do



Brasil”, em referência ao mês da Consciência Negra. O evento contou com a presença de Julianna Rosa De Souza, integrante do NEN, pesquisadora do Oju Obirin e doutora em Teatro, e de Luana De Brito, pesquisadora atuante no Fórum Brasileiro de Segurança e Soberania Alimentar (FBSSAN), na Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e na Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). Na presença de dezenas de pessoas da comunidade acadêmica ocorreu a leitura dramática da peça teatral “Sentença ou a fúria da filha resignada”, de autoria de uma das convidadas, e o debate sobre os modos de produção de alimentos no Brasil e os reflexos na Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN) da população negra. É relevante ressaltar a interseccionalidade de gênero e raça na construção do conhecimento agroecológico proporcionado por este evento.

No mês de março de 2023 o grupo deu início a atividade aberta “Cine GEPER”, que foi conduzida por seus integrantes, enquanto a comunidade acadêmica teve a oportunidade de assistir ao primeiro episódio da série documental "Guerra do brasil.doc". Este episódio, intitulado "As guerras da conquista", serviu como base para um debate sobre o processo de invasão e colonização que persiste em nosso território há mais de 500 anos. O referido episódio conta com a participação do historiador e filósofo indígena Ailton Krenak e da atual ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara. Como forma de estender o debate, fomentar e dar visibilidades a autores não brancos, no mês subsequente, o Grupo realizou o sorteio de três livros de Ailton Krenak ("A vida não é útil", "Futuro ancestral" e "Ideias para adiar o fim do mundo"). Ambos os eventos trouxeram como a visibilidade e protagonismo de povos indígenas em temáticas de grande importância para o movimento agroecológico, como ancestralidade e distribuição do território.

Em maio de 2023, o GEPER, em articulação com a Comissão de Acolhimento e Contra a Violência do CCA/UFSC, Coletivo Feminista Ana Primavesi/CCA, Laboratório de Estudos Rurais (LERU/CCA/UFSC) e Laboratório de Educação do Campo e Estudos da Reforma Agrária (LECERA/CCA/UFSC), viabilizou a execução do pocketshow do Coletivo NEGA, intitulado "Canto pra quem é de noite". Nesse evento, por meio da arte e da cultura, foi possível dialogar e refletir sobre problemáticas de gênero vivenciadas pelos corpos negros, interseccionalizando duas bandeiras do movimento agroecológico atual: "Se tem racismo, não tem Agroecologia" e "Sem feminismo, não há Agroecologia".

Além das atividades mencionadas, o GEPER tem realizado diversas outras ações para propiciar um ambiente mais plural para construção de movimento agroecológico. Neste sentido, pontuamos a participação na realização da X Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) em Florianópolis, que gerou debate sobre o direito à terra e território e o papel da juventude, contando a presença e articulação de membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) e Quilombo Vidal Martins (único quilombo de Florianópolis). Por fim, outra



ação foi a produção e exibição de um painel em celebração ao Dia Mundial de África, que ficou em uma área de convivência e de grande circulação no CCA. O painel apresentou a diversidade étnica, cultural e agrícola do continente, composto por texto explicativo, mapa e informações sobre 10 dos mais de 50 países pertencentes ao continente.

Resultados

A construção de vínculos (afetivos, acadêmicos e profissionais) entre as(os) discentes do Grupo emerge como um elemento fundamental. Considerando que o fator relacional é de grande importância no desenvolvimento da construção do conhecimento em Agroecologia e o elemento em questão se trata de um dos objetivos do grupo, se tornar um ponto de acolhimento e referência para estudantes e pesquisadoras(es) indígenas, negras(os) do CCA, podemos avaliar de forma positiva o processo até o momento. O número e a diversidade de integrantes têm aumentado ao longo da existência do grupo, além das relações e trocas de saberes terem potencializado ao longo do tempo de existência do mesmo. Inicialmente composto apenas por graduandas(os), o grupo atualmente também acolhe pesquisadoras(es) de pós-graduação do CCA. Originalmente em 2019 com 8 integrantes, hoje conta com 17 participantes. Até o momento não há uma organicidade interna de divisão de tarefas ou frentes de trabalho e as atividades propostas ou pautas de discussão vão sendo levantadas a partir das experiências, angústias, acontecimentos, que vão sendo colocados como demandas a serem trabalhadas coletivamente, envolvendo a área das Ciências Agrárias e outras temáticas da realidade.

Outro objetivo que já se destaca por seus resultados é tornar-se um promotor ativo das trocas de conhecimento entre os/as integrantes do grupo bem como fomentar espaços que integrem as temáticas étnico-raciais aos eixos que compõem a Agroecologia, bem como o processo de construção do conhecimento agroecológico. Neste sentido, atualmente o GEPER pode ser caracterizado como um espaço propício à discussão dos saberes que cada membro do grupo traz consigo, com o desenvolvimento de materiais informativos, participação em eventos sociais e acadêmicos.

É importante destacar que o diálogo sobre as questões étnico-raciais era praticamente inexistente no cotidiano da comunidade acadêmica do CCA, tanto dentro como fora da sala de aula. No entanto, a formação do GEPER promoveu uma transformação significativa, com a promoção e organização de eventos culturais e discussões ativas. Grande parte das(os) integrantes possui um forte vínculo com abordagens agroecológicas, o que possibilita a intersecção entre as temáticas étnico-raciais e a construção do conhecimento em Agroecologia que existe no CCA. Desta forma, é possível considerar que o GEPER assume um espaço em que os indivíduos são preparados para adotar uma postura crítica e construir de maneira significativa a pauta e as práticas da Agroecologia.



A consolidação do grupo ocorreu de maneira gradual e substancial, à medida que os pensamentos e vivências profundas dos integrantes foram se alinhando (ou colidindo). A efetividade excepcional dessa articulação se manifesta quando o coletivo passa a ser não somente convidado, mas requerido a participar de momentos importantes para a comunidade acadêmica do Centro. Este processo tem um aspecto positivo e de grande relevância, a capacidade de estabelecer uma articulação sólida com grande parte das(os) professoras(es) que compõem o corpo docente da área de Agroecologia do campus.

Considerando o cenário já descrito, no qual o Grupo se encontra coloca-se o desafio da consolidação e expansão da atuação enquanto ator na arena de construção do conhecimento em Agroecologia, além da construção da inserção das discussões étnico-raciais dentro das disciplinas, por exemplo as da área da Agroecologia e demais correlatas. Isso contribuirá para a formação de estudantes e profissionais sensíveis às questões de equidade e justiça social, fortalecendo a Agroecologia como campo de estudo comprometido com a diversidade. Ao dar continuidade aos próximos passos e enfrentar estes desafios, o GEPER poderá contribuir progressivamente de forma significativa para a promoção da Agroecologia e o enfrentamento das desigualdades étnico-raciais no contexto acadêmico e além dele. Desta forma, amplia-se a discussão da construção do conhecimento agroecológico, assumindo o enfrentamento ao racismo ambiental, trazendo elementos da ancestralidade negra e indígena e demais contribuições destes sujeitos à agricultura brasileira e à formação das(os) profissionais das Ciências Agrárias.

Referências bibliográficas

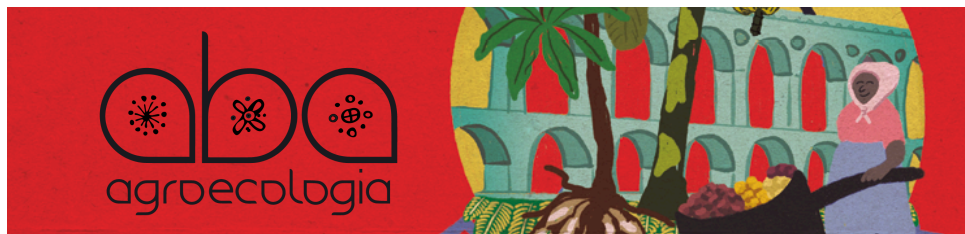
BENTO, Maria Aparecida da Silva. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

COTRIM, Décio S.; DAL SOGLIO, Fábio K. **Construção do Conhecimento Agroecológico: problematizando o processo**. Rev. Bras. de Agroecologia. 2016.

MOTTA, Vivian Delfino. **Agroecologia antirracista: uma insistência**. **Cadernos de Agroecologia**. Diálogos Convergências e divergências: mulheres, feminismos e agroecologia. V. 16, no 1, 2021.

MOTTA, Vivian Delfino. **Por uma agroecologia antirracista**. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia. Vol. 15, N° 3, 2020.

MOTTA, Vivian Delfino. **Para quem é esse lugar? Problematização sobre a presença não branca nos espaços de visibilização da Agroecologia**. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 17 n. 3, 2022.



SANTOS, Antônio Bispo dos, MAYER, Joviano. **Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos.** *Indisciplinar*, v. 6, n. 1, p. 52–69, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26241.

SILVA, P. B. G. e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** *Educação, [S. l.]*, v. 30, n. 3, 2008.